



O PODER DA FILOSOFIA COMO REVELADOR DOS EFEITOS DE SENTIDO NAS IDEOLOGIAS DOS CONTOS DE FADA

Alaíde Pereira Japcanga Aredes¹

UEMS

Introdução

Ao longo dos tempos, os contos de fadas têm exercido papel de suma importância para o desenvolvimento integral do indivíduo. É através do ouvir, contar e recontar histórias, que a criança deixa aflorar seus medos, inseguranças e ansiedades, oportunizando-se trabalhar valores éticos, morais, normas e condutas como: limite, voz de comando, autonomia e respeito mútuo.

Partindo deste princípio, o conto de fadas vem ao encontro das necessidades da criança, favorecendo-lhe a superação de desafios, conflitos e ansiedades.

Conforme Bettelheim (1980, p 180-181),

O consolo é o maior serviço que o conto de fada pode prestar a criança, a confiança em que, apesar de todas as tribulações que tende de sofrer (como a ameaça de deserção dos pais em "João e Maria"; o ciúme por parte dos pais em "Branca de Neve"; a raiva devoradora do gigante em "João e o Pé de Feijão"; a vileza dos poderes do mal na "Bela Adormecida"), não apenas ele terá sucesso, como as forças do mal se extinguirão e nunca mais ameaçarão a paz de sua mente.

O universo do mundo mágico, presente nos contos de fadas desenvolve nas crianças a capacidade de pensar, sentir e ser curiosa. Neste clima de afetividade, prazer e curiosidade as crianças nos primeiros anos de vida integram-se ao universo das várias leituras pela voz, entonação e significações, recursos desenvolvidos pelo contador de histórias² com as quais em geral as crianças se identificam.

¹ Docente na UEMS na área da educação e docente do curso de especialização em Ciência e Linguagem.

² Entende-se aqui por contador de histórias o educador. Num primeiro momento o professor e posteriormente, e não menos importante, os pais e responsáveis pelas crianças.



Assim, a criança quando estimulada a ouvir histórias desde a mais tenra idade terá maior facilidade para assimilar as diferentes leituras de mundo. Logo, cria canal aberto para alfabetização, cujo processo longo antecede a sua entrada na escola. Ela começa a fluir quando a criança manipula objetos, imita alguém ou expressa seus sentimentos, faz uso de jogos, da mímica, quando ouve, conta ou reconta histórias. Estas são experiências essenciais e preliminares a seu ingresso na vida escolar.

Tais pré-requisitos aliados a um trabalho pedagógico respaldado nos contos de fadas, além de propiciar excelente recurso de sonorização, discriminação visual e interpretação, permitem à criança posicionar-se dentro da história, o que sem dúvida contribuirá para a prática de produção de texto oral e futuramente escrita.

Associados a todo este dinamismo infantil, os contos de fadas tornam-se um meio adequado para investir no potencial criador do indivíduo desde os seus primeiros anos de vida.

Através dessa fonte lúdica, a criança terá mais condições de expressar seus sentimentos e adquirirá requisitos essenciais para a sua formação global: cognitiva, social, emocional e afetiva.

Nesse sentido indaga-se: qual o papel de professores e pais na mediação entre a criança e o mundo imaginário dos contos de fada na educação infantil, dos problemas vividos pela criança nos aspectos emocional/afetivo, social e cognitivo, sua relação com o processo de desenvolvimento integral do indivíduo e que contribuições a sua participação nas maravilhas e mistérios dos contos de fadas podem favorecer neste processo?

O papel da Filosofia como revelador das ideologias

Escrever sobre ideologia sem colocá-la no contexto de suas relações com a luta de classes é um desperdício. Tal tarefa não é fácil, principalmente nos dias atuais, onde se percebe um enfraquecimento dessa luta. Mas é necessário para o patamar em que se vive principalmente diante de demagogos que dizem falar e agir em nome da democracia, mas suas ações são voltadas para por em prática a pedagogia do medo



(Chauí). No interior das Universidades públicas esta é uma prática muito comum, de maneira especial quando se fala em orçamento. Todos arregalam os olhos e ficam desesperados quando alguém quer mais explicações sobre o dinheiro que deveria ser gasto e não foi. Nas mangas tais pessoas têm de se lançar de um discurso ideológico e perseguir àqueles que de certa maneira questiona posturas consideradas inadequadas. Pois bem, como isso acontece? Por que isso acontece? Por que algumas pessoas preferem administrar sem que possam ser questionadas? E realmente não são?

Para tentar responder estas questões, considera-se importante relembrar o que Marx entende sobre ideologia. Fazendo isso relembrar-se-á também a concepção marxista de homem, de sociedade, de mundo etc, algo esquecido pelos intelectuais na atualidade, afinal a luta de classes está aí, nunca deixou de existir.

Marx afirma que a consciência humana é sempre social e histórica, isto é, determinada pelas condições concretas de nossa existência.

Isso não significa, porém, que as idéias representem a realidade tal como esta é em si mesmo. Se assim fosse, seria incompreensível que os seres humanos, conhecendo as causas da exploração, da dominação, da miséria e da injustiça nada fizessem conta elas. As idéias, historicamente determinadas, têm a peculiaridade de nascer a partir de nossa experiência social direta. A marca da experiência social é oferecer-se como uma explicação da aparência das coisas como se esta fosse a essência das próprias coisas.

Não só isso. As aparências – ou o aparecer social à consciência – são aparências justamente porque nos oferecem o mundo de cabeça para baixo: o que é causa parece ser efeito, o que é efeito parece ser causa. Isso não se dá apenas no plano da consciência individual, mas, sobretudo no da consciência social, isto é, no conjunto de idéias e explicações que uma sociedade oferece sobre si mesma.

Feuerbach estudara esse fenômeno na religião, designando-o com o conceito de alienação. Marx interessa-se por esse fenômeno porque o percebeu em outras esferas da vida social, por exemplo, na política, que leva os sujeitos sociais a aceitarem a dominação estatal porque não reconhecem quem são os verdadeiros criadores do Estado.



Ele o observou também na esfera da economia: no capitalismo, os trabalhadores produzem todos os objetos existentes no mercado, todas as mercadorias; após havê-las produzido, as entregam aos proprietários dos meios de produção, mediante um salário; quando vão ao mercado não conseguem comprar essas mercadorias. Olham os preços, contam o dinheiro e voltam par casa de mãos vazias, como se o preço das mercadorias existisse por si mesmo e como se elas estivessem à venda porque surgiram do nada e alguém as decidiu vender. Em outras palavras, os trabalhadores não só não se reconhecem como autores ou produtores das mercadorias, mas ainda acreditam que elas valem o preço que custam e que não podem tê-las porque valem mais do que eles. Alienaram dos objetos seu próprio trabalho e não se reconhecem como produtores da riqueza e das coisas.

A inversão entre causa e efeito, princípio e consequência, condição e condicionado leva à produção de imagens e idéias que pretendem representar a realidade. As imagens formam um imaginário social invertido – um conjunto de representações sobre os seres humanos e suas relações, sobre as coisas, sobre o bem e o mal, o justo e o injusto, os bons e os maus costumes, etc. Tomadas como idéias, essas imagens ou esse imaginário social constituem a ideologia.

A ideologia é um fenômeno histórico-social decorrente do modo de produção econômico. À medida que, numa formação social, uma forma determinada da divisão social se estabiliza se fixa e se repete, cada indivíduo passa a ter uma atividade determinada e exclusiva, que lhe é atribuída pelo conjunto das relações sociais, pelo estágio das forças produtivas e pela forma da propriedade. Cada um, por causa da fixidez e da repetição de seu lugar e de sua atividade, tende a considerá-los naturais (por exemplo, quando alguém julga que faz o que faz porque tem talento ou vocação natural para isso; quando alguém julga que, por natureza, os negros foram feitos para serem escravos; quando alguém julga que, por natureza, as mulheres foram feitas para a maternidade e o trabalho doméstico). A naturalização surge sob a forma de idéias que afirmam que as coisas são como são porque é natural que assim sejam. As relações sociais passam, portanto, a ser vistas como naturais, existentes em si e por si, e não como resultados da ação humana. A naturalização é a maneira pela qual as idéias



produzem alienação social, isto é, a sociedade surge como uma força natural estranha e poderosa, que faz com que tudo seja necessariamente como é. Senhores por natureza, escravos por natureza, cidadãos por natureza, proprietários por natureza, assalariados por natureza etc.. A divisão social do trabalho, iniciada na família, prossegue na sociedade e, à medida que esta se torna mais complexa, leva a uma divisão ente dois tipos fundamentais de trabalho: o trabalho material de produção de coisas e o trabalho intelectual de produção de idéias. No início, essa segunda forma e trabalho social é privilégio dos sacerdotes; depois, torna-se função de professores e escritores, artistas e cientistas, pensadores e filósofos.

Os que produzem idéias separam-se dos que produzem coisas, formando um grupo à parte. Pouco a pouco, à medida que vão ficando cada vez mais distantes e separados dos trabalhadores materiais, os que pensam começam a acreditar que a consciência e o pensamento estão, em si e por si mesmos, separados das coisas materiais, existindo em si e por si mesmos. Passam a acreditar na independência entre a consciência e o mundo material, entre o pensamento e as coisas produzidas socialmente. Conferem autonomia à consciência e às idéias e, finalmente, julgam que as idéias não só explicam a realidade, mas produzem o real. Surge a ideologia como crença na autonomia das idéias e na capacidade de as idéias criarem a realidade. Ora, o grupo dos que pensam – sacerdotes, professores, artistas, filósofos, cientistas – não nasceu do nada. Nasceu não só da divisão social do trabalho, mas também de uma divisão no interior da classe dos proprietários ou classe dominante de uma sociedade. Como consequência, o grupo pensante (os intelectuais) pensa com as idéias dos dominantes; julga, porém, que tais idéias são verdadeiras em si mesmas e transformam idéias de uma classe social determinada em idéias universais e necessárias, válidas para a sociedade inteira.

Como o grupo pensante domina a consciência social, tem o poder de transmitir as idéias dominantes para toda a sociedade, através da religião, das artes, da escola, da ciência, da filosofia, dos costumes, das leis e do direito, moldando a consciência de todas as classes sociais e uniformizando o pensamento de todas as classes. Os ideólogos são membros da classe dominante e das classes aliadas a ela, que, como intelectuais,



sistemizam as imagens e as idéias sociais da classe dominante em representações coletivas, gerais e universais. Essas imagens e idéias não exprimem a realidade social, mas representam a aparência social do ponto de vista dos dominantes. São consideradas realidades autônomas que produzem a realidade material ou social. São imagens e idéias postas como universais abstratos, uma vez que, concretamente, não corresponde à realidade social, dividida em classes sociais antagônicas. Assim, por exemplo, existem na sociedade, concretamente, capitalistas e trabalhadores, mas na ideologia aparece abstratamente o Homem.

A ideologia torna-se propriamente ideologia quando não aparece sob a forma do mito, da religião e da teologia. Com efeito, nestes, a explicação sobre a origem dos seres humanos, da sociedade e do poder político encontra a causa fora e antes dos próprios humanos e de sua ação, localizando a causa originária nas divindades. A ideologia propriamente dita surge quando, no lugar das divindades, encontramos as idéias: o Homem, a Pátria, a Família, a Escola, o Progresso, a Ciência, o Estado, o Bem e o Justo. Com isso, podemos dizer que a ideologia é um fenômeno moderno, substituindo o papel que, antes dela, tinham os mitos e as teologias. Com a ideologia, a explicação sobre a origem dos homens, da sociedade e da política encontra-se nas ações humanas, entendidas como manifestação da consciência ou das idéias. Assim, por exemplo, julgar que o Estado se origina das idéias de estado de natureza, direito natural, contrato social e direito civil é supor que a consciência humana, independentemente das condições históricas materiais, pensou nessas idéias, julgou-as corretas e passou a agir por elas, criando a realidade designada e representada por elas.

Que faz a ideologia? Oferece a uma sociedade dividida em classes sociais antagônicas, e que vivem na forma da luta de classes, uma imagem que permite a unificação e a identificação social – uma língua, uma religião, uma raça, uma nação, uma pátria, um Estado, uma humanidade, mesmos costumes.

Assim, a função primordial da ideologia é ocultar a origem da sociedade (relação de produção como relações entre meios de produção e forças produtivas sob a divisão social do trabalho), dissimular a presença da luta de classes (domínio e exploração dos não-proprietários pelos proprietários privados dos meios de produção),



negar as desigualdades sociais (são imaginadas como se fossem consequência de talentos diferentes, da preguiça ou da disciplina laboriosa) e oferecer a imagem ilusória da comunidade (o Estado) originada do contrato social entre homens livres e iguais. A ideologia é a lógica da dominação social e política.

Porque nascemos e somos criados com essas idéias e nesse imaginário social, não percebemos a verdadeira natureza de classe do Estado. A resposta à Segunda pergunta de Marx, qual seja, por que a sociedade não percebe o vínculo interno entre poder econômico e poder político, pode ser respondida agora: por causa da ideologia.

Istvan Meszaros, (1993) procura esclarecer o poder da ideologia e qual é o seu papel no processo de ajustamentos estruturais, que utiliza seus recursos na manutenção das condições de dominação pelas classes hegemônicas. A força da ideologia revela-se nesse momento histórico, no qual se vive, onde se percebe o fortalecimento dos interesses das classes dominantes, que toma forma via as idéias imperativas do neoliberalismo. Estas idéias são veiculadas principalmente pela mídia, que se tem espalhado pelo mundo, junto ao processo de globalização econômica e financeira, na tentativa de criar uma consciência, como “verdade” única, de que tudo deve ser determinado pelas regras do mercado. O conceito central de “mercado” vem destruindo muitas referências solidificadas ao longo da história da humanidade. Dentro destas podemos destacar o conceito de “consciência de classe”, que embasa a formação dos sindicatos, como representação na luta dos interesses dos trabalhadores. Com a ideologia dominante, tem-se pregado incessantemente o individualismo como um valor atual. Onde vence os mais preparados, mais fortes, ou dotados de melhor sorte na vida. Aos despreparados, mais fracos ou sem sorte, cabe a periferia, o desemprego, ou subemprego, engrossando as grandes massas de excluídos.

Este contexto gera crescentes volumes de desempregados e de pessoas com subempregos, onde foram abolidos todos direitos sociais conquistados no passado. Vemos a consciência de classe sendo enfraquecida, com a consequente desmobilização pela defesa dos direitos conquistados.

Dessa forma Meszáros (1993) oferece a oportunidade de reflexão e compreensão dos fatos atuais, que a primeira vista parecem destituídos de segundas

intenções. Este autor tem mostra que o impacto prático da ideologia tem estado presente nas diversas sociedades, desde a antiguidade até o presente, e que a ideologia como forma específica de consciência social, é inseparável das sociedades de classe.

Enfatiza-se que o poder da ideologia é inquestionavelmente enorme. A contra-ideologia, que não deixa de ser uma ideologia, chamada por Meszaros de ideologias críticas, que procuram negar a ordem estabelecida, não podem sequer mistificar seus adversários, pela simples razão de não terem nada a oferecer - nem mesmo subornos ou recompensas pela aceitação - àqueles já bem estabelecidos em suas posições de comando, conscientes de seus interesses imediatos palpáveis. Portanto, o poder de mistificação sobre o adversário e privilégio exclusivo da ideologia dominante. Para o autor:

[...] as várias formas ideológicas de consciência social acarretam diversas implicações práticas de longo alcance na arte e na literatura, bem como na filosofia e na teoria social, independentemente de sua ancoragem sócio-política em posições progressistas ou conservadoras. (1993, p.10)

Para Meszáros, a consciência social articulada está acima, inclusive da questão ideológica que enfoca radicalmente a persistência histórica do próprio horizonte de classe, antevendo, como objetivo de sua intervenção prática consciente, a supressão de todas as formas de antagonismo de classes. É ela, apenas ela que pode tentar superar as condições de uma sociedade dividida em classes.

Por que Filosofia para crianças

A filosofia é comumente entendida como algo enigmático, profundamente abstrato e distante da realidade. Essa é uma visão errônea da filosofia e decorre dos complexos trabalhos de pensadores que, ao longo da história, refletiram e buscaram diferentes respostas sobre questões que continuamente fazemos ao longo de nossa existência. Indagações sobre o conhecimento, sobre os valores, sobre a natureza, sobre a beleza, sobre o homem, de onde viemos? Para onde vamos? É comum também pensar que a filosofia lida com questões metafísicas e por isso inalcançável aos pobres mortais.

Enganam-se, pois filosofia é reflexão e reflexão é que faz com as pessoas exerçam seu papel de sujeito ativo na história da humanidade. É o indivíduo inquieto e inquietações decorrem da necessidade que todo ser humano tem de compreender o significado do mundo e de si mesmo. Na busca dessa compreensão criamos novos significados, questionando e tecendo uma teia de relações cada vez mais abrangentes que nos indiquem respostas, mesmo que provisórias. E a criança faz isso naturalmente quando bem pequena, na época dos porquês, não se tem certeza, mas ao que parece, quando esta entra para a escola regular deixa de perguntar, deixa de criticar, enfim, há um corte neste processo. A escola ao invés de contribuir poda o indivíduo, tornando-o passivo, quieto, embora não consegue fazer isso com todos, aí reside a contradição.

Desta forma, o primeiro passo para a filosofia é a inquietação que conduz ao questionamento. O objeto da filosofia é a reflexão, o movimento do pensamento que nos permite recuar, nos distanciarmos dos fatos aparentemente banais para buscarmos seus fundamentos.

A complexidade da filosofia está na enigmática e surpreendente aventura de idéias que nos identifica e nos diferencia de outros seres. Portanto, a filosofia está presente na ciência, na arte, no mito, na religião, no cotidiano. Embora possamos afirmar que a filosofia esteja presente nas diversas manifestações do humano, ela não se confunde com nenhuma dessas formas de conhecimentos específicos, mas as fundamenta. Essa busca de fundamentos faz da história da filosofia uma história sem fim, porque diz respeito a todos em todas as épocas. Por isso, nunca é cedo ou tarde demais para iniciarmos essa aventura do filosofar.

Assim sendo, a filosofia é algo que deve estar na vida das pessoas desde cedo. Portanto, propomos este projeto.

Por outro lado, por que trabalhar a filosofia com os contos de fada? As crianças identificam-se com o contexto presente nos contos de fadas, favorecendo assim a imaginação e dimensões que elas por si próprias não poderiam descobrir.

Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção a sua vida (Bettelheim. 1980. p.16).

Os contos fadas tratam de problemas humanos, universais (mas de uma forma simbólica), como por exemplo, a solidão e a necessidade de enfrentar a vida por si só. Neste sentido, ajudam a criança no mais difícil em sua criação, dando sentido a vida e, desta forma, contribuindo para a formação da personalidade por referir-se a problemas interiores. Sugerindo suas soluções simples, os contos de fadas promovem o desenvolvimento de recursos internos para que as crianças possam enfrentar as dificuldades da vida envolvidas em seu crescimento.

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superar decepções narcisistas dilemas edpicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis: obter um sentimento de individualidade e de alto valorização, e um sentido de obrigação moral – a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão [...], e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas [...] reorganizando e fantasiando sobre elementos das histórias [...] É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir por si só verdadeiramente. (Bettelheim, 1980, p. 16).

O mundo infantil é estampado por uma série de questões. É a história de ser bom, ser mau, bonito, feio, sentir medo do escuro, sentir medo de ficar sozinha quando a mamãe sai para trabalhar e até achar que é perigoso um dia ela não mais voltar. E o ciúme dos irmãos. Gostar deles, mas às vezes queria não tê-los.

Na rotina diária, aparecem situações assim tão familiares. Acredita-se que toda criança um dia já passou ou ao menos pensou nisso tudo. Desde a mais tenra idade surgem estas questões difíceis de respondê-las, todavia os homens as fazem muitas vezes através da vida, muito cedo, ainda que não compreendam as possíveis respostas.

É através da identificação com os personagens que vivem dilemas comuns aos seus, que as crianças encontram guarida de elaboração de suas diferentes angústias cotidianas. Angústias que, se não forem superadas, impedem seu desenvolvimento e convívio saudável com o mundo que a cerca.

Conforme Bettelheim (1980. p.17),

Existe uma recusa difundida em deixar as crianças saberem que a fonte de tantos insucessos na vida está na nossa própria natureza – na propensão de



todo homem agir de forma agressiva, não social e egoísta, por raiva ou ansiedade. Em vez disso, queremos que nossos filhos acreditem que, inerentemente, todos os homens são sempre bons, e, com frequência, mesmo quando são prefeririam não sê-lo. Isto contradiz o que lhes é dito pelos pais, e, portanto faz a criança se sentir um mostro [...].

Num direcionamento político e filosófico, a literatura fantástica oferece outro suporte de trabalho e espaço de elaboração para seu leitor: o espaço simbólico que permeia as profundezas do interior abarcando o existencial, o psicológico e afetivo da criança; enfim, numa dimensão que uma literatura realista, por si só não atinge uma vez que não se propõem a isso.

Através dos contos de fadas abrem-se canais para trabalhar questões que normalmente são esquecidas em uma rotina escolar e familiar, pois é no mínimo o tempo dedicado para que a criança fale dos medos, fantasias, desejos ou sentimentos que a angústia como o ciúme, ira e o egoísmo, enfim, para que a criança exponha seu lado oculto ou obscuro do seu ser.

Bettelheim defende a tese de que a elaboração dessas questões não encontra ressonância nas situações em geral, porém, nos contos de fadas é o espaço ímpar para essas elaborações. Enfatiza que, a carência dessas elaborações poderá desencadear sintomas canalizados para os sentimentos reprimidos.

Outro aspecto importante é que os contos de fadas oferecem base aos educadores – contadores de histórias – para trabalhar com a criança o desenvolvimento infantil, canalizando seus sentimentos (bons e maus) vivenciados através da rotina, para que eles na dialógica consigam ser elaborados e assimilados através das relações entre as pessoas, a partir de conflitos e encontros.

Sentimentos como medo, raiva e abandono podem ser trabalhados através do diálogo. É necessário que a criança fale dos seus sentimentos, ouvir que outras pessoas experimentam também e tornar-se capaz de instrumentalizar-se para que, de maneira autônoma e corajosa, possa lidar com as outras diferentes emoções. Esses aspectos são graciosamente articulados dentro dos contos de fadas.

Nessas articulações, certamente o plano simbólico, a vivência com as tramas com os heróis, heroínas e donzelas fornecerão ricos espaços para a criança fazer a

elaboração dessas questões (medo, raiva, sentimento de abandono etc). Ao ouvir as histórias, às vezes até inconscientemente, passa a identificar-se com Chapeuzinho Vermelho sofrendo o medo do lobo, junto com a ansiedade de entender o mistério da floresta, ou com João e Maria que sofrem com o abandono de seus pais e pelo pavor da bruxa. A criança passa a dialogar com seus desejos mais secretos em meio as vitórias e/ou derrotas dos personagens e, a partir dos vários obstáculos, encontrar direcionamento para uma vida adulta, feliz e equilibrada. Os contos de fadas não negam a existência dos sentimentos, mas enfocam também soluções para enfrentá-los, mostrando a capacidade e perspicácia da criança.

A convivência das crianças junto aos contos de fadas facilita uma atmosfera de permanente novidade e desafio, que mobiliza interesse, segurança, amizade, autoconfiança e coragem para a criança assumir seus acertos e erros. É essa autoconfiança que as crianças devem conquistar para servir de alicerce à construção do conhecimento. Do constante exercício de ouvir, ler, refletir (sobre as histórias) surge a produção do conhecimento que, geralmente, em um primeiro momento, perpassa pelas diferentes leituras de mundo (várias interpretações).

A ludicidade, presente nos contos de fadas, além de valorizar a capacidade de avançar desenvolve a sua observação, a expressão oral associação de idéias, o que a torna apta para ingressar no mundo da leitura e escrita do código.

Favorecer o convívio dos alunos com os contos de fadas é possibilitar que eles construam as mais variadas formas de expressar e interagir com um universo plural de letras e palavras.

O investimento nessa possibilidade de interagir de forma autônoma frente a esse enorme e rico universo é fundamental, pois leva a criança a fazer tentativas de leitura e escrita usando a criatividade, organizando a entonação da voz e, paulatinamente, aprendendo diferentes palavras que serão pontos chaves para associação de sílabas em comum e, conseqüentemente a formação de novas palavras.

Tiba (1998. Pág. 40) enfatiza que:

Quando descobre o saber, a pessoa começa a associá-lo a outros conhecimentos e ganha nova dimensão. É como se descobrisse aquele ponto



que faltava para uni-lo aos outros. O novo saber encaixa-se ali e dispara a integração dos outros conhecimentos.

Apesar do conto de fadas priorizar a elaboração dos sentimentos da criança, não há dúvida que ele propicia também o seu ensino e o aprendizado, uma vez que o desenvolvimento cognitivo depende de um indivíduo equilibrado emocional e socialmente (capaz de conviver em grupo, compartilhar idéias).

“A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes as crianças estão aprendendo valores” (Alves, 2001. Pág. 13)

A mensagem desta citação, presente nas entrelinhas dos contos de fadas nos remete a uma reflexão: assim como o seu cenário é matizado pelo encanto da fantasia que leva a criança a transitar por diferentes lugares e a relacionar-se através da identificação com os personagens, conduz a sua aprendizagem por caminho cuja base é a solidariedade, o prazer, enfim, a liberdade de expressão.

Na realidade os contos de fadas não podem ser apresentados de forma estanque e compartimentados às crianças. Eles estão presentes em todo o contexto que envolve o mundo infantil. Resta saber se o professor está preparado para isso. De fato para que esta metodologia seja aplicada na prática pedagógica, necessita-se de professores que sejam inquietos, que não se conformem com as aparências, que estejam a fim de construir junto aos alunos uma nova forma de enxergar os valores, as crenças, mais que estejam engajados na luta por uma sociedade mais justa, mais igualitária, que seja ético e estético. Que veja a Educação como algo ético e estético (Freire, 1998)

Para Freire, (1998) o professor passa da ingenuidade para a criticidade e ele deve fazer isso observando a ética e estética. Nas palavras do autor:

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas. Cada vez me convenço mais de que, desperta com relação à possibilidade de enveredar-se no desânimo do puritanismo, a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho do puritanismo, a prática educativa tem de se, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza.



Diante dessa citação, observa-se que quando o professor coloca a literatura Infantil, mais especificamente a vertente literária “contos de fada”, deve observar bem o que está fazendo, os valores, as crenças e a ideologia que está socializando aos seus educandos. Propõe-se, portanto, nessas linhas que o professor busque a filosofia e a coloque a serviço de uma prática educativa que seja reflexiva, que esteja a serviço de explicitar aquilo que está oculto, que está nas entrelinhas.

Com a análise e reflexão dos contos poder-se-á verificar a existência de fundamentos teóricos que apontam para a contextualização da literatura infantil através do contar histórias, o que por vezes pode não ocorrer em situação real de sala de aula.

Algumas considerações finais

É desafiante a proposta desse artigo. Requer um professor que tenha três características básicas, ou seja, competência técnica, compromisso político e ética. Não dá mais para corroborar com a tese de que a Filosofia e um saber que se restringe à academia. É necessário que ela extrapole os muros das Instituições universitárias e chegue às camadas populares. Acredita-se na idéia de que a partir do momento em que a filosofia esteja a serviço de uma sociedade pensante, reflexiva, é possível tornar mais forte a luta de classes, hoje enfraquecida, em virtude do Neoliberalismo e de suas artimanhas. Quando a filosofia é inserida desde a tenra idade e não se interrompe, a chances de se ter pessoas com as habilidades necessárias para transformar informação em conhecimento e conhecimento em ações conseqüentes são muito maiores.

A criança poderá se tornar um ser com maior autonomia de pensamento, uma percepção ética mais aguçada, autocorreção, respeito por pensamentos alheios, respeito às opiniões alheias, capaz de dar boas razões para seus argumentos, entre outras habilidades.

Mediante esses também argumentos, que tal iniciar a criança na filosofia através da literatura, utilizando a vertente, contos de fada, possibilitando a elas o desmascaramento de possíveis ideologias que podem emperrar a luta de classes. Desafia-se a educação pública para mais essa tarefa.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 2.ed. Campinas – SP: Papyrus, 2001.
- ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1994.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. v.24 Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- COELHO, Betty. **Contar Histórias uma Arte sem Idade**, 1.ed. São Paulo: Ática, 1989.
- LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. Tradução de Maria Elice de B. Prestes e Lucia Maria Silva Kremer. São Paulo: Summus Editorial, 1990, Coleção Novas Buscas em Educação, vol. 39.
- _____. **O Pensar na Educação**. Tradução de Ann Mary Fighiera Pérpetuo. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. **Natasha. Diálogos Vygostkianos**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LIPMAN, M, SHARP, A e OSCANYAN, F.S. **A filosofia na Sala de Aula**. Tradução de Ana Luiza Falcone. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- MESZÁROS, Istvan. **Filosofia, Ideologia e Ciência Social - Ensaio de negação e afirmação**. Editora Ensaio S. Paulo 1993.
- SARAIVA, Juracy Assammann. **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**, 1.ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor aluno em tempos de globalização**. São Paulo: Gente, 1998.